

PERFIL: YAHYA SINWAR, O NOVO LÍDER POLÍTICO DO HAMAS

Por Albert Caballé Marimón*



Yahya Sinwar discursa em comício no Dia Anual de Al-Quds em Gaza, em 14 de abril de 2023 (Ibraheem Abu Mustafa/Reuters).

A extensa história de Sinwar com o Hamas inclui a fundação de um importante aparato de segurança e um longo período de prisão em Israel.

O grupo palestino Hamas nomeou Yahya Sinwar como novo chefe do seu gabinete político na terça-feira. Sinwar sucede a Ismail Haniyeh, assassinado na capital iraniana, Teerã, após comparecer à cerimônia de posse do novo presidente do Irã em 31 de julho, disse o grupo em uma declaração em seu canal do *Telegram*. O anúncio veio na terça-feira, enquanto as tensões dispararam no Oriente Médio, com o Irã prometendo vingança contra Israel pela morte de Haniyeh em seu território.

O Hamas e o Irã acusaram Israel de assassinar Haniyeh, mas Tel Aviv não negou e nem confirmou a afirmação. A seleção de Sinwar, 61, reflete sua história com o Hamas. Ele serviu como principal oficial do grupo de resistência em Gaza por dois mandatos consecutivos, o primeiro em 2017 e o segundo em 2021.

Tido como o arquiteto do ataque de 7 de outubro contra Israel, Sinwar agora tentará impulsionar o movimento a partir de um local desconhecido em Gaza. O líder palestino é visto inimigo público número um de Israel; portanto, ao escolhê-lo como chefe de seu gabinete político, o Hamas envia uma mensagem de desafio ao governo israelense. De acordo com o escritor e analista político palestino

Ibrahim Al-Madhoun, em declaração à agência *Anadolu*, “não há dúvida de que escolher Sinwar para esta posição é um desafio à ocupação israelense e indica que o homem continua eficaz, forte e no controle do campo” em Gaza, apesar da guerra de quase 10 meses. “A nomeação de Sinwar foi natural internamente, pois ele era efetivamente o vice de Haniyeh, sendo o chefe do Hamas em Gaza”, acrescentou.

Ainda não está claro como Sinwar vai se comunicar com outros agentes do Hamas, executar as operações políticas diárias do movimento e supervisionar as negociações de cessar-fogo em Gaza enquanto estiver escondido. As autoridades israelenses não fazem segredo de seu desejo de matá-lo. Al-Madhoun disse que é esperado que Sinwar emita uma declaração em breve, possivelmente por escrito, anunciando sua nomeação.

Yahya Ibrahim Hassan Sinwar nasceu em 1962 no campo de refugiados de Khan Younis, no sul de Gaza. Sua família é originária da cidade de al-Majdal, no sul de Israel, de onde foram deslocados à força em 1948. Ele se juntou à Irmandade Muçulmana ainda jovem e estudou na Universidade Islâmica de Gaza, onde obteve um diploma de bacharel em árabe. Na universidade, liderou o “Bloco Islâmico”, a ala estudantil da Irmandade Muçulmana. Com o ativismo estudantil, Sinwar ganhou a experiência que mais tarde o habilitaria a assumir papéis de liderança no Hamas.

Em 1982, o Exército israelense o prendeu pela primeira vez e o libertou depois de alguns dias, prendendo-o novamente mais tarde naquele ano, sentenciando-o a seis meses de prisão por “participar de atividades de segurança contra Israel”.

Em 1985, Sinwar fundou o aparato de segurança da Irmandade Muçulmana, conhecido então como “Al-Majd”. Esta organização se concentrou em resistir à ocupação israelense em Gaza e combater colaboradores palestinos. Mais tarde, o grupo se transformaria nas Brigadas Qassam, a ala militar do Hamas.

Sinwar se juntou ao Hamas quase que imediatamente na sua fundação pelo xeque Ahmed Yassin em 1987. No ano seguinte, em 20 de janeiro de 1988, ele foi novamente preso pelas forças israelenses e recebeu quatro sentenças de prisão perpétua – o equivalente a 426 anos de prisão – por seu suposto envolvimento na captura e assassinato de dois soldados israelenses e quatro supostos espões palestinos, além de “fundar o aparato de segurança Al-Majd e participar do estabelecimento da primeira ala militar do Hamas, conhecida como Mujahideen palestino”.

Sinwar passou 23 anos em prisões israelenses, onde aprendeu hebraico e se tornou versado em assuntos israelenses e política interna. Foi libertado como parte de um acordo de troca de prisioneiros entre o Hamas e Israel em 2011, conhecido como “Acordo Shalit”. Sob esse acordo, executado em 11 de outubro de 2011, Israel libertou 1.027 detidos palestinos em troca da libertação do soldado israelense Gilad Shalit, que havia sido capturado pelo Hamas.

Após a libertação, Sinwar rapidamente subiu nas fileiras do Hamas novamente. Em 2012 foi eleito para o gabinete político do grupo e encarregado de supervisionar as Brigadas Al-Qassam. Ele desempenhou um papel político e

militar de liderança durante a ofensiva de sete semanas de Israel contra Gaza em 2014. Em setembro de 2015, os EUA o rotularam como “terrorista global especialmente designado”. Os serviços de segurança israelenses também listaram Sinwar como um dos principais alvos para assassinato em Gaza.

Em 2017, Sinwar se tornou o chefe do Hamas em Gaza, sucedendo Haniyeh, que havia sido eleito presidente do gabinete político do grupo. Ao contrário de Haniyeh, que viajou regionalmente e fez discursos durante a guerra em Gaza até seu assassinato, Sinwar tem sido reservado desde 7 de outubro.

No entanto, em uma entrevista de 2021 para a *Vice News*, Sinwar disse que, embora os palestinos não busquem a guerra devido ao seu alto custo, eles não “agitaram a bandeira branca”. “Por longos períodos, tentamos resistência pacífica e popular. Esperávamos que o mundo, pessoas livres e organizações internacionais apoiassem nosso povo e impedissem a ocupação de cometer crimes e massacrar nosso povo. Infelizmente, o mundo ficou parado e assistiu”, disse ele.

Sinwar provavelmente estava falando sobre a Grande Marcha do Retorno, durante a qual os palestinos protestaram todas as semanas por meses a fio na fronteira de Gaza em 2018 e 2019, encontrando uma violenta repressão israelense que matou mais de 220 pessoas e feriu muitas outras.

Questionado sobre as táticas do Hamas, que incluem o disparo indiscriminado de foguetes que podem atingir civis, Sinwar disse que os palestinos estão lutando com os meios à sua disposição. Ele acusou Israel de matar deliberadamente civis palestinos em massa, apesar de ter armamento avançado de precisão. “O mundo espera que sejamos vítimas bem-comportadas enquanto estamos sendo mortos, para sermos massacrados sem fazer barulho?” questionou Sinwar.

Com informações da Anadolu e Al-Jazeera.

***Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site *Velho General*. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI (US Naval Institute) e do Canal Arte da Guerra.
